

UMA ANÁLISE SOBRE O TRABALHO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.

Andreza Lucinda A. do Nascimento (1), Marinalva L. de Oliveira (1)

(1) *Campus Mata Norte-UPE; andrezalucinda1@yahoo.com.br*

(1) *Campus Mata Norte-UPE; PCR;PMO; marinalva.oliveira38@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar como o professor de matemática vem lidando com a inclusão da educação especial na sala de aula da escola do ensino fundamental e médio. E como objetivos específicos: caracterizar a inclusão da educação especial; identificar os desafios do professor em incluir os estudantes com deficiências no processo de ensino e analisar as possíveis dificuldades e desafios de seu trabalho na perspectiva dos documentos oficiais e pesquisadores dessa temática.

O interesse de realizar esse estudo partiu de uma preocupação de como nossos estudantes com deficiência se encontram incluídos em relação ao conhecimento matemático. Entendemos que a inclusão consiste em um movimento que tem o foco de transformar a educação especial, certificando que os estudantes sejam incluídos na escola comum, participando das atividades em conjunto com outros estudantes. Baseia-se em um olhar voltado aos direitos e na igualdade. A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois os estudantes com deficiência constituem uma grande preocupação para os professores inclusivos no sentido de que esses estudantes obtenham sucesso na vida escolar.

Compreendemos que escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus estudantes, arrumando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégia de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades (MONTANO, 2006). Para a autora, as escolas e comunidades devem mudar e se preparar para entender, celebrar e trabalhar com a diversidade humana existente nas suas classes, dessa forma, promovendo a inclusão.

Portanto temos a compreensão de que os professores devem estar preparados para suprir as necessidades desses estudantes. A importância da formação inicial e continuada é um componente imprescindível para que os estudantes com deficiência tenham um ensino qualificado. Vale salientar que entendemos formação como um processo contínuo e permanente de desenvolvimento, o que pede do professor disponibilidade para a aprendizagem; da formação que o ensine a aprender; e do sistema escolar no qual ele se insere como profissional, condições para continuar aprendendo (TARDIF, 2002).

METODOLOGIA

O estudo teve como procedimento metodológico pesquisa de campo numa abordagem qualitativa, segundo Oliveira (2012). E como embasamento teórico, utilizamos as discussões de pesquisadores como Correia (2008), Marchesi (2004), Silva (2000) Bueno (1996), Montoan (2006), Ramos (2006) Ferreira (2006) e as leis que asseguram a inclusão de pessoas com deficiência.

A pesquisa foi realizada com cinco professores de Matemática sendo três do Ensino Fundamental e dois do ensino Médio. Baseada numa abordagem qualitativa, aqui entendida como um processo de reflexão da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico (OLIVEIRA, 2012). Utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário contendo seis questões. Os dados foram categorizados, organizados e analisados segundo a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2009).

As questões foram organizadas da seguinte forma: A primeira questão tem como objetivo identificar se o professor de matemática tem formação que trata da inclusão de estudantes com deficiência. A segunda questão, verificar se os órgãos estaduais de educação ofertam formação continuada referente a essa discussão ou se o professor busca por iniciativa própria. A terceira questão, verificar se o professor se sente preparado para trabalhar com estudantes da educação especial.

A quarta questão, conhecer a opinião do professor sobre a inclusão de estudantes com deficiência no ensino regular. A quinta questão, identificar se as escolas pesquisadas proporcionam recursos metodológicos para o ensino da educação especial, e a sexta questão, identificar possíveis dificuldades e desafios do professor em sua sala de aula, referentes aos estudantes com deficiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vale destacar que na categorização das questões, cada participante foi identificado com os símbolos de P1 a P5. O resultado, em relação à primeira questão, mostra que a maioria dos professores não tem formação sobre educação especial. O professor (P1) justifica como falta de oportunidade. Já o professor (P2), apesar de dizer que não teve formação, afirma que em sua graduação o tema foi abordado em disciplinas da grade curricular, em palestras e congressos. De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), para atuar na educação especial, o professor deve ter como base de sua formação inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar.

O resultado da segunda questão demonstra que a secretaria de educação estadual não proporciona formação para os professores e que a maioria buscou por iniciativa própria. Fica evidente nessa questão a falta do poder público. Segundo a lei nº 10.172/01 do PNE, o poder público tem uma grande responsabilidade na questão da formação continuada dos profissionais da educação pública, secretarias estaduais e municipais de educação, cuja atuação incluirá a coordenação, o financiamento e a manutenção dos programas como ação permanente.

O resultado da terceira questão mostra que a maioria dos professores não se sente preparados para trabalhar com estudantes da educação especial, apontando as suas formações deficitárias como causa, reconhecendo a necessidade de ter mais conhecimento específico sobre a questão. Segundo Lima, Ferreira e Manrique (2013), muitas vezes os professores se sentem isolados nesse processo sem que tenham espaços e pessoas com experiências para uma discussão de como proceder diante de estudantes com deficiência.

O resultado da questão 4 mostra que os professores percebem a educação inclusiva como tarefa muito difícil nas escolas. Eles não se sentem a vontade ao falar da temática. E as questões 5 e 6 mostram que os professores (P1), (P2), (P4) e (P5) apresentam algumas dificuldades em desenvolver um trabalho com a inclusão de estudantes com deficiência. Essas dificuldades perpassam por faltas de metodologias apropriadas; falta de infraestrutura; faltas de recursos multifuncionais com acompanhamento educacional especializado, formação docente adequada, como também salas de aula com quantitativos inapropriados. O número de estudantes por turma é recorrentemente enunciado como um obstáculo ao desenvolvimento de práticas inclusivas pela maioria dos pesquisados.

O atendimento especializado complementa e/ou suplementa a formação de estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008). As leis apresentam todo um aparato avançado e reforçado sobre atendimento educacional especializado na rede regular de ensino (III, art. 208, BRASIL, 1988), mas as escolas ainda enfrentam carência de profissionais. Já o professor (P3) faz uso de alguns materiais pedagógicos em sala de aula com os estudantes com deficiência, tais como bingos, dominó, damas, etc. Segundo Ferreira (2006), os jogos e os materiais adaptados além de deixarem as aulas mais atrativas para os estudantes, também fazem com que eles participem e interajam com os materiais e com os outros estudantes da sala.

O resultado da sexta questão demonstra que os professores concebem como desafio maior ministrar aulas que possam, simultaneamente, incluir o estudante e este se apropriar do conteúdo matemático e apontam como consequência os estudantes não saberem ler, nem escrever, falta de coordenação motora e até mesmo alguns apresentam raciocínio lento. Aqui o professor atribui o insucesso ao próprio estudante. Segundo Ramos (2010), é nesse contexto que, às vezes, nasce o medo e a resistência de trabalhar com a inclusão.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados, constatamos que as dificuldades/desafios dos professores perpassam desde questões que envolvem a própria formação, aspecto muito recorrente entre todos participantes da pesquisa; questões estruturais; pedagógicas e até mesmo de gestão de sala de aula. Portanto o debate sobre a qualidade da educação é extremamente atual. Desenvolver um trabalho com educação especial pressupõe planejamento e execução de um programa no qual o estudante possa compartilhar vários tipos de interação e identidade. Uma rede de inclusões acontece a sua volta.

Ao final desse estudo percebemos que foi muito importante trabalhar sobre a educação especial, na perspectiva da inclusão com os professores de Matemática, pois refletir sobre a inclusão no ensino regular leva-nos a repensar, inevitavelmente, a relação entre as práticas pedagógicas atuais e a formação de professores.

REFERENCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação Especial Brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo, EDUC/PUCSP, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. Lei n. 10.172/01. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 16 de março de 2018.

CORREIA, Luís de Miranda. **Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008.

FERREIRA, Júlio Romero. Educação especial, inclusão e política educacional: notas brasileiras. In: RODRIGUES, David (org). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

LIMA, C.A.R., FERREIRA, G.L., MANRIQUE, A.L. A percepção dos professores que ensinam matemática na educação básica sobre a inclusão de alunos com deficiência. In: **Anais XI Encontro Nacional de Educação Matemática**. Curitiba, Paraná: SBEM, p. 1-14, 2013.

MARCHESI, Álvaro. A prática das escolas inclusivas. In: **Desenvolvimento Psicológico e Educação : Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Editora Artmed , Porto Alegre , 2004.

MANTOAN. M.T. Egler. **Caminhos pedagógicos da inclusão**. São Paulo: Memnon, 2006.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAMOS, Rossana. **Inclusão na Prática: estratégias eficazes para a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2010.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.